

Itapoã surgiu do sítio Apicum do Poço

Para ir à praia, moradores antigos passavam por trilhas cheias de pitangueira, cajueiro e goiabeira

aTRIBUNA
COM VOCÊ

Apenas quatro casas rodeadas de muito verde e árvores frutíferas. Assim era Itapoã, em 1965, quando a dona-de-casa Maria Cândida Loreato do Nascimento se mudou para o bairro, com o marido e cinco filhos.

“Aqui era só mato, capoeira pura. Lembro também que tinha mais umas três casas em construção”, comentou ela.

Na época, o bairro era um sítio, batizado com o nome de Apicum do Poço, com criação de gado e cavalo. Onde hoje é um valão, corria um córrego tão limpo que era possível as crianças tomarem banho e pescar peixes.

As ruas eram de areia e, para ir à praia, Maria Cândida recordou que costumava passar por trilhas cheias de pitangueira, cajueiro, goiabeira e outras árvores frutíferas.

Como não havia água encanada, era preciso comprá-la em barris, que os moradores despejavam na caixa d'água no alto de suas casas.

Foi na década de 70 que surgiram os primeiros conjuntos habitacionais. O primeiro a ser erguido foi o Jerônimo Monteiro, que tinha 15 casas, que se tornaram moradias de funcionários públicos. Mais tarde, foram construídos o Conjunto Militar e Eldorado. Por volta de 1975, no Conjunto Itapoã, surgiram os primeiros prédios.

Com o aumento do número de moradores, a população de Itapoã foi se organizando e fazendo reivindicações. As casas ganharam luz elétrica, o transporte urbano melhorou e o comércio começou a crescer.

O bairro, que era quase todo brejo, foi sendo aterrado para a construção de mais moradias. Na década de 80, a região já estava tomada por casas populares.

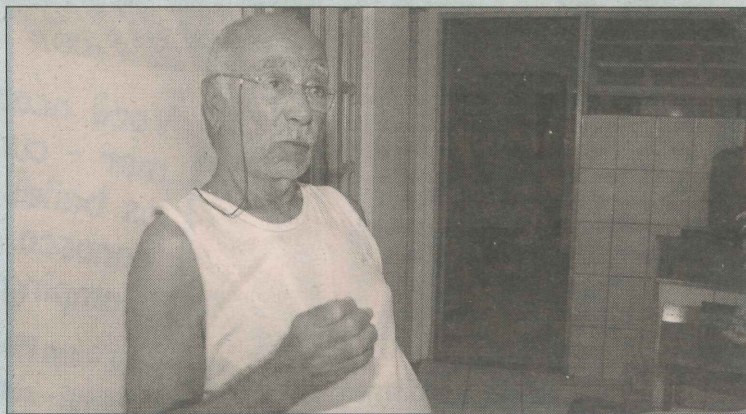
Nos últimos anos, grandes empreendimentos imobiliários vêm mudando a cara do bairro. Muitas casas foram demolidas para dar lugar aos condomínios de luxo que tomaram conta de toda a orla.



FOTOS: ANTONIO MOREIRA/AT

Região que era mato, com criação de gado e cavalo, foi ocupada por prédios de luxo

DESTAQUES

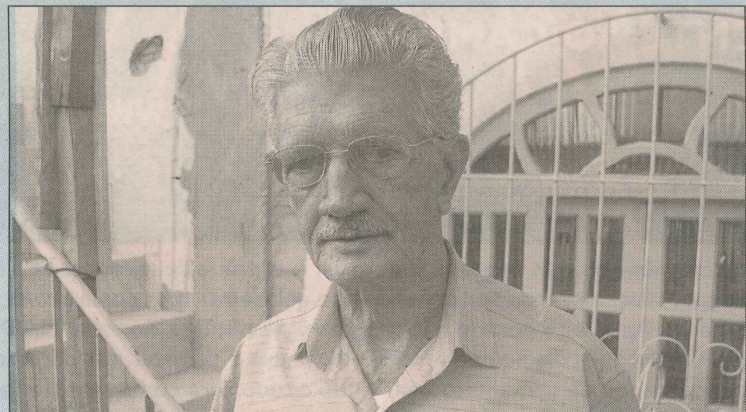


PEIXES – Pescador mais antigo de Itapoã, em Vila Velha, João da Cruz Cardoso, 80 anos, conta que por mais de cinco décadas enfrentou o mar para abastecer o bairro com peixe fresco todos os dias.

Ele lembrou que quando se mudou para Itapoã, em 1943, porém era um peixe tão farto no local que quase não tinha valor. “Vinha tanto peixe que a gente tinha de parar de pescar para não jogar fora. Hoje, está difícil encontrá-lo. A pescaria moderna foi acabando com tudo”, lamentou.

CATEQUISTA – Sob a luz de uma lamparina, a professora aposentada Hilma Valadares de Oliveira, de 66 anos, trabalhava como agente da Pastoral da Comunidade de Base da Igreja Católica em Itapoã, Vila Velha, visitando os casebres dos pescadores, que ficavam próximos à praia.

Mais tarde, ela ajudou a organizar mutirões para a construção da Igreja Católica Francisco de Assis e do Centro Comunitário. “Fizemos rifas e leilões para arrecadar dinheiro e os próprios moradores trabalharam na construção”, recorda.



TERRAÇO – Morador de Itapoã, em Vila Velha, há 25 anos, o industrial aposentado Niosé Dias do Nascimento, 75, conta que tem saudades da época em que, do alto de sua casa de quatro andares, localizada a cinco quadras da praia, conseguia ver o mar.

“Era muito bom. Gostava de ir para o terraço para apreciar a vista”, disse ele, reclamando que, com a construção de edifícios na orla sua mordomia acabou: “Hoje, moro a duas quadras da praia, no 13º andar, olho e não vejo nada.”